



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHERES “VELHAS”¹, MEMÓRIA E TRAJETÓRIAS DE VIDA EM CONTEXTOS RURAIS BAIANOS.

Autora: Maria Asenate C. Franco (1); Coautora: Márcia Tavares (2)

Universidade Federal da Bahia; Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano

E- mail: masenatecf@gmail.com

Universidade Federal da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

marciatavares1@gmail.com

Resumo: Estudos sobre mulheres têm se concentrado no espaço urbano. Acervo bibliográfico aponta o crescimento de pesquisa na perspectiva feminista que denuncia violação de direitos humanos das mulheres, mas tímido o olhar feminista para mulheres rurais. Articulação e complementaridade entre referencial teórico e empiria nas análises acerca da pessoa idosa possibilita a compreensão contextual do processo de envelhecimento e seu entorno. Entrevista narrativa na releitura de histórias de mulheres velhas, ‘esquecidas’ e lúcidas, rememora dores e delícias experienciadas. O artigo, fragmento da pesquisa de doutorado sobre mulheres rurais, memória e violência de gênero, contextualiza memórias de mulheres “velhas” e suas trajetórias de vida: infância, labor, conjugalidade e violência de gênero.

Palavras-chave: Mulheres velhas. Ruralidade. Memória. Violência de gênero.

"OLD" WOMEN, MEMORIES AND LIFE TRAJECTORIES IN BAHIA RURAL CONTEXTS.

Abstract: Studies on women have concentrated on urban space. The bibliographical collection points to the growth of research in the feminist perspective that denounces violations of women's human rights, but the feminist look of rural women is timid. Articulation and complementarity between theoretical reference and empirical analysis on the elderly, allows a contextual understanding of the aging process and its environment. Narrative interview in the retelling of stories of old women, 'forgotten' and lucid, recalling the pains and delights experienced. The article, a fragment of the doctoral research on rural women, memory and gender violence, contextualizes memories of "old" women and their life trajectories: childhood, labor, conjugalality and gender violence.

Keywords: Old women. Rurality. Memory. Gender violence.

Primeiras palavras

Na contemporaneidade, pesquisas sobre a história das mulheres têm alargado horizontes e se consolidado nos espaços acadêmicos. Outrora as mulheres e a escrita de suas histórias foram silenciadas por fontes e pesquisas masculinas. Decerto, as mulheres

sempre estiveram presentes na sua história. O artigo contextualiza, à luz da epistemologia feminista, trajetórias de vida de duas mulheres “velhas” residentes em comunidades rurais do município de Muritiba, Estado da Bahia. As pesquisadoras de Michelle Perrot, Odila Dias, Rachel Soihet, Eni de Mesquita Samara

¹ O destaque para o adjetivo “velhas” se dá em decorrência do imaginário social, (não) lugar social, ao subestimar a memória das pessoas com mais de sessenta anos, as “velhas”, “birutas”, “caducas”, “declínio cognitivo”. “[...] a velhice é muito mais associada à decadência do que às propaladas sabedorias e experiência [...]” (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 2).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

discutem a história das mulheres, chamam atenção para se elevar a condição da mulher como sujeita e objeto de sua própria história. O acervo bibliográfico sobre envelhecimento, preferencialmente mulheres velhas, é amplamente pesquisado pela professora socióloga Alda Britto da Motta, que enfatiza a lacuna nos debates e destaca os estudos feministas sobre invisibilidade de mulheres velhas. Não obstante, sinaliza: “[...] naqueles trabalhos que se centram nas relações de gênero, inclusive os de origem feminista, a condição etária ou geracional é quase invariavelmente omitida [...]” (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 235).

Estima-se que em 2020 o Brasil terá 30,9 milhões de pessoas com mais de 60 anos. Os dados estatísticos apontam cerca de 14% de pessoas idosas no país (BELTRÃO; CAMARANO; KANSO, 2004). Enquanto na Bahia as “Projeções Demográficas para a Bahia 2010-2030”, elaborado em 2009 pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (Cedeplar) e divulgado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), destaca a longevidade de homens e mulheres. A expectativa de vida masculina era 71 anos, entre 2025-2039 essa expectativa sobe para 76 anos; enquanto as mulheres, antes 77, espera-se viver até 81, entre os anos compreendidos entre 2025-2039.

Reforçando a delimitação da idade para se estar velho ou velha, e envelhecimento é, portanto, “[...] uma construção feita de passagens **obrigatórias** que delimitam e orientam a dinâmica do processo” (LANGEVIN, 1998, p. 1290). Ainda complementa: “O critério da idade é portador de múltiplas implicações econômicas, sociais e psicológicas” (p. 130). Neste sentido, fator cronológico da população idosa opera nos (não) ‘lugares sociais’, fronteiras compulsórias, como mundo do trabalho, limitações da vida social (dependências familiares para decisões pessoais). Além do mais, o processo de envelhecimento guarda consigo dependência, limitações, ‘deveres’, submissão, conflitos geracionais.

Lenoir (1998, p. 71) reenfatiza:

No entanto, pelo fato “de que não se sabe em que idade ou momento da vida começa a velhice, será necessário seguir o procedimento dos sociólogos [...]. O objeto da sociologia da velhice não consiste em definir quem é e não é velho, ou em fixar a idade a partir da qual os agentes das diferentes classes sociais se tornam velhos, mas em descrever o processo através do qual os indivíduos são socialmente designados como tais.

Velhice, categoria polissêmica, multideterminada, heterogênea; é desafio social para garantia de direitos estabelecidos pelo Estatuto do/a Idoso/a, condição *sine qua non* na consolidação e dignidade humana da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

população idosa. Velhice é “fenômeno biossocial”(BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 1). Já Lenoir (1998, p. 64), a ver como “[...] aparentemente natural e evidente”, é categoria plural construída a partir do imaginário social, ou seja, produzida no cenário social.

2. Breves considerações sobre envelhecimento

O fenômeno da “feminização da velhice é destaque nos estudos sobre envelhecimento populacional (CAMARANO, 2013; NICODEMO & GODOI, 2010). A independência financeira de mulheres idosas, principalmente trabalhadoras rurais, é contemporânea. Mulheres rurais vieram gozar do direito a aposentar-se após estruturação da Seguridade Social na Carta Magna brasileira em 1988, contudo são elas, mulheres negras, que mais exercem atividade laboral² (CAMARANO, 2003). Ainda sobre o aspecto financeiro, idosas são coprovedoras, ou até provedoras principais; não necessariamente dependem desses parentes em circunstâncias como financeira, ao contrário, contraem empréstimos para auxiliá-los. Na maioria dos casos são elas, as avós corresponsáveis pelo cuidado familiar, como por exemplo ‘olhar’ os/as netos/as (ALMEIDA, et al., 2015; CAMARANO, 2003; BRITTO DA MOTTA, 2013a; 2013b; 2010; 2011; 1998).

² Nas minhas pesquisas observei no perfil do contingente de mulheres rurais a prevalência raça/cor, negra (Grifo da autora).

O conjunto de papéis, destaco os contextos familiares atuais, conferidos às mulheres idosas (avós), tende a comprometer, além da saúde, em certos casos, agravadas por doenças degenerativas, o cerceamento de seu direito de ir e vir, sua liberdade, lazer, culminam em uma espécie de ‘prisão domiciliar’ de idosas, de modo compulsório. Camarano (2003, p. 59) considera a figura da mulher no Brasil,

[...] mesmo idosa, continua desempenhando o seu papel de cuidadora, mas assumiu também o de provedora. [...]. Ou seja, as idosas de hoje estão assumindo papéis não esperados pela literatura nem pelas políticas públicas. Ao contrário do esperado, estão se transformando em um importante agente de mudança social.

Quanto à metodologia da pesquisa, a técnica de entrevista narrativa, instrumento metodológico capaz de motivar a pessoa entrevistada a rememorar espontaneamente sua história de vida. Exige a participação mínima de quem entrevista (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008). A entrevista foi auxiliada pela observação participante e anotações no caderno de campo construído pelas mulheres velhas entrevistadas, e destaco os episódios importantes de suas histórias de vida nesta



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pesquisa exploratória, A abordagem inicial da entrevistadora à pessoa informante se dá através da fala e, neste sentido:

A utilização do método biográfico em ciências sociais vem, necessariamente, acompanhada de uma discussão mais ampla sobre a questão da singularidade de um indivíduo versus o contexto social e histórico em que está inserido. [...], cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. [...] método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem (GOLDENBERG, 1998, p. 36-37; 43).

Do ponto de vista metodológico, ao proceder a escolha do objeto de estudo, por vezes denominado problema social, Lenoir (1998, p. 71) nos ajuda a entender a constituição a partir do recorte, aspecto relevante, e afirma:

[...], o mesmo problema “social” pode ser constituído por vários motivos. Tal é o caso da “velhice” que remete a problemas de natureza bastante diferente: a sorte

das pessoas idosas mais desprovidas (a “pobreza” ou a “dependência”), o “desequilíbrio demográfico (o “envelhecimento” da população) e, enfim, o alongamento da duração da vida biológica e seus efeitos sobre as relações entre as gerações, tanto na família e no ambiente de trabalho, quanto no funcionamento de aposentadoria.

Baseado na fala de Lenoir, saliento ser a escolha ‘mulheres trabalhadoras rurais’, a priori, não considerei categorias como raça, classe social, idade, mas espaço geográfico, neste caso, por morarem em contextos rurais. A inquietação recaiu sobre a invisibilidade das violências de gênero contra a mulher em territórios afastados dos centros urbanos, assim como lacuna nas pesquisas científicas sobre a temática justificam minha escolha. A diversidade de estudos encontrados em acervos bibliográficos cujo objeto são mulheres moradoras de bairros localizados nas zonas urbanas. Outro aspecto proeminente nessa escolha diz respeito à morosidade na implantação de equipamentos públicos para atender mulheres em situação de violência nas suas multifaces e, apesar da existência de Centros de Referência da Mulher³, como no

³ Em 2015 foi realizada a pesquisa por estudantes, da qual fiz parte, do PPGNEIM, solicitada pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. O objetivo foi entrevistar pessoas que assumiam cargos de gestores e coletar informações para atualizar os dados institucionais na época. Entrevistei a gestora do Centro Regional de Referência Maria Joaquina, em Cruz das

Almas. O referido equipamento, através de Pacto municipal, é locus para mulheres em situação de violência e moradoras das 11 cidades pactuadas receberem atendimentos específicos, entretanto, na fala da gestora, a pactuação com a maioria dos municípios restringiu-se apenas ao trâmite formal.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

caso da cidade de Cruz das Almas/BA, a materialização da política de prevenção e proteção social à mulher acometida por atos brutais, na maioria das vezes tendo como agressor companheiros ou ex-companheiros, não é eficaz.

A violência de gênero contra mulheres rurais, tendo como categoria fundante o patriarcado, em certas ocasiões, é naturalizada, inerente à relação conjugal: “[...] o homem é a *cumeira* da casa”. A fala de uma das mulheres que participaram do projeto de extensão reflete a ideologia machista, sexista, portanto, ‘familiar’. Velho (1981, p. 126), ao discorrer sobre a observação do familiar, ou seja, o que estamos acostumados a ver diariamente, chama atenção para o ‘desconhecimento’ desse elemento trivial, e salienta: “[...] o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido [...]”. Como, por exemplo, a violência simbólica feminina.

Gênero, raça, classe e etarismo são marcadores de diferenciação. Se delimitarmos o olhar sobre a história de mulheres velhas, a invisibilidade de sua valoração é constatare como ressalta Britto da Motta (2012, p. 84): “Se já é difícil encontrar uma história das mulheres [...], que dirá uma história das

mulheres velhas! Quem estaria interessado na sua ‘desimportância’ social?! [...]”.

As histórias são indissociáveis do seu objetivo social. São capazes de ressignificar o sentido das vidas de pessoas não letradas (THOMPSON, 1992). Para tanto, discorrei sobre minhas entrevistadas, as não letradas. Contudo ressalto que os nomes das informantes⁴ são fictícios. Mulheres “velhas”⁵, mas lúcidas, rememoraram alegrias e tristezas ao narrarem episódios desde a infância aos dias atuais. Analisar e contextualizar infância, estudos, labor, conjugalidade e violências de gênero, contidas na oralidade⁶ de Carolina, 88 anos, e Dandara, 64 anos, ressignificam percepções ‘familiares’, naturalizadas, como trabalho precoce, relação patriarcal de gênero, violência simbólica e desvalorização e opressão de gênero, como podemos acompanhar em seguida:

Carolina, 88 anos, aposentada. Atualmente mora com 02 netos (20 e 11 anos) e 02 netas (16 e 09 anos), prole da filha acometida pelo feminicídio. Sua fala preenche um vazio (DEBERT, 1986) deixado nas pesquisas sobre gênero e violência. A entrevista durou quase duas horas e, cada vez, o ato de rememorar permitia-lhe empoderamento para falar de sua história de

⁴ Convém registrar que, atendendo a princípios éticos da pesquisa acadêmica, todas as mulheres assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

⁵ O destaque refere-se à lucidez. A velhice nem sempre significa esquecimento.

⁶ As transcrições das entrevistas e, posteriormente, a utilização das narrativas para este artigo, encontram-se na sua escrita original tal como foram evocadas pelas mulheres selecionadas no ato das entrevistas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vida. Debert (p. 142) salienta: “[...] importância de darmos condições aos informantes de nos levar a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que, através deles, nos propomos a analisar”. Neste caso, Carolina.

Ouvir as histórias, embora com sequência assistemática, de sua infância a partir de 06 anos de idade, a lição que não soube dar, o furo no olho do ABC, o bilhete da professora para seu pai lhe castigar, a palmatória para quando mexesse na panela, as idas à casa da avó para ajudá-la, cuidar de sua alimentação, as fomes que passava quando não concluía as tarefas na lavoura, impostas pelo pai, no entanto releva o ensinamento em manejar com a enxada. Ainda rememora a proteção materna, dando uma “coisinha” escondida do pai, quando a deixava com fome.

Releituras evocadas por Carolina, vividas na infância e rememoradas no presente, traduzem a história dentro da outra, como pontua Bosi (2003, p. 24): “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo”. Decerto, eventos como doenças peculiares à infância, festas tradicionais foram vividas por Carolina, entretanto o sujeito mnêmico, deu voz às escolhas da memória no tempo e no espaço, traduzem suas narrativas:

Ele mandou eu ir para escola com um bocado de menino, quando cheguei lá eu não dei a lição toda a

*professora. Acho que era 6 anos, [...]. Ela queria que desse a lição toda, mas eu não dei ela chegou me pegou e me chamou assim: Dandara. Eu disse senhora. Venha cá. Eu tinha furado os olhos (risos). [...] É a letra . A professora disse assim: você vai ficar de castigo quando chegar em casa, botou no papel: ficar de castigo. Eu disse: castigo. Sim porque você não deu a lição. Eu disse: como iria chegar e saber, sem saber o que estava fazendo? Quando dei o ABC pequenininho, aí ele olhou e o ABC estava furado. Ele disse: venha cá e me pegou deu 6 bolos nessa e aqui. Tinha uma palmatoriazinha que era pra dar na mão. Que era para gente não bulir com nada, naquele tempo, não pegar nada nem dos outros e nem a panela que tivesse no jirau de baixo, do jirau que botava as carnes no tacho. Era pra gente não bulir senão apanhava, tinha aquela palmatoriazinha e a gente apanhou, eu apanhei. Ele deu 6 aqui e aqui (mostrou as mãos) [...] **(Lembranças do castigo materno)** Me deu uma surra. Porque derramei um sustão de saco. Eu vim da venda correndo, com sustão se saco na cuia, não tinha saco antigamente não, foi numa cuia. Vim correndo que não era pra demorar. Quando cheguei no batente da porta eu caí, ela me pegou deu uma surra, mas também não me bateu mais não. [...] na roça quando não terminava o trabalho, o castigo era não comer, só comia depois. [...], mas minha mãe fazia isso, olhava onde*



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ele estava e vinha com uma coisinha na mão e botava na mão da gente. Ia pra casa da minha vó, ajudar minha vó, fazer comida para ela. Fazer mingau; só era ela e outra irmã, eu já estava grandinha e dava para fazer mingau e eu fazia. [...] uns 10 ou 12 anos, nessa base.

(A escola) Eu não fiquei mais não menina, botou de castigo e todo dia ia pra roça com enxada. Só fui um dia pra escola. Nesse dia que foi. E não dei a lição toda, ele chegou em casa bateu numa mão e na outra e agora você vai me pagar na enxada, ia pra roça. Ia trabalhar. Eu me arrependo hoje de ter furado o ABC (risos). Me arrependi por hoje eu não sei onde estou. Eu sei andar eu indo mais você um dia, em qualquer lugar pode me deixar que outro dia eu já vou. Acho que eu tenho um dom.

A minha infância trabalhei tanto nas roças dos outros. Com os 8 anos que eu ia arrancar lâmina e capinar na roça dos outros, se ela saísse ficava com 2 meninos ou 3; [...] Ia carregar água na fonte com pote na cabeça e acendendo o fogo na panela pó feijão cozinhar. Eu ajudava acender o fogo mas não destampava a panela Mas foi bom, sabe, porque me ensinou a trabalhar de enxada.

Sua trajetória de vida conjugal caracterizada por sucessivos encontros e desencontros, descontentamentos, frustrações, desilusões foram constantes, “[...] é, não fui

casada, mas que quase que viúva. [...] quando ele morreu, também pra mim o mundo morreu... terminou sobre essas coisas”. O fenômeno de “organização-desorganização-reorganização”⁷ (CARVALHO, 2006) e, conseqüentemente, gestações, pariu 09 mulheres e 03 homens. Frequenta igreja evangélica. Em um dos períodos de gravidez, seu marido a abandonou para casar novamente. Quando a vida não fazia mais sentido na roça, saiu para trabalhar como doméstica em Salvador/BA. Foi explorada, escravizada em “casa de família”, recebia pouco salário. Desmotivada para continuar e a saudade dos/as filhos e filhas a fizeram retornar à zona rural. Foi parteira por longo tempo: “[...] dei à luz, vida, pra mais de 100 crianças. [...] Tomei curso em Santo Antônio de Jesus, com Dr. [...]”.

Carolina experienciou na sua trajetória de vida o fenômeno da violência de gênero; primeiro, com a mãe, em seguida, consigo, depois, uma de suas filhas.

[...]. Porque meu pai batia nela, dizia que era doido. Era meio maluco, bebia muita cachaça e ficava maluco”. Embora gestante, não foi poupada por seu marido. Na violência psicológica, ‘preterida e oprimida’, a experienciou: “Ele foi embora; ele arrumou outra namorada e casou, deixou eu pra ter menino, casou com outra e

⁷ Iniciou vida conjugal; pariu; ruptura da vida conjugal; monoparentalidade feminina; estreitou vínculos

amorosos; pariu; provedora principal da família; atualmente, cuida de netas e netos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

deixou. Aí eu disse a ele tu vai casar? E ele: não lhe quero mais não, porque tenho outra e vou casar". Em outra ocasião, já idosa e com a saúde fragilizada, Carolina foi humilhada e xingada pelo genro, pai da neta de 09 anos e do neto de. Aí ele deu tudo quanto foi nome, puta, cachorra, puta veia, cuviteira. Sou cuviteira porque te cuvitei aqui dentro de minha casa pra você ficar aqui, por isso você hoje me chama de safada. Ora sua assim, assim. [...] sua safada. Quando ele me chamou de safada, parece que a terra subiu assim e disse vai ficar por debaixo, parece um negócio que disse assim vai ficar por debaixo, não sou safada. A safada é a palavra de quem tá me ouvindo. Eu disse, eu sou safada porque você é um safado, seu cachorro. Sinhá burra veia, sem-vergonha. Eu disse: sem-vergonha é tua mãe. É o quê? Ele disse eu vou te prender agora.

Dar voz a Carolina para narrar a violência na vida de sua filha soou no imaginário social de uma filha, presente durante a entrevista, as representações e identidades acerca do envelhecimento. Não obstante, Debert (1986, p. 151), ao mencionar sua pesquisa sobre a velhice, ressalta: "Relatar determinados fatos e situações era, para as mulheres velhas que entrevistamos, [...], uma forma de desarticular certas visões sobre a velhice que elas supunham que nós tínhamos". Por certo, Carolina, veementemente,

respondeu: "O corpo tá moído, o corpo tá velho, desmanchado, aí o povo diz: "É, fulana já tá veia, não pode conversar. [...] deixa eu falar, disse que não sei falar porque sou eu velha pra conversar".

O fenômeno da violência é multifacetado, polissêmico, multideterminado (BANDEIRA, 2014). Assim, ao transpor limites da diversidade de formas materializadas da violência, esta manifestou-se no seu mais alto grau: feminicídio. Ocorrência que ceifou a vida de sua filha, 39 anos, em janeiro deste ano. A mãe dos/as netos/as que Carolina cria. Antes, porém, sucessivos episódios de violência contra essa filha, moral e psicológica, vinham ocorrendo:

Cadê a cachorra da sua mãe? Aí que ela bafou um pedaço de pau, ainda deu uma cacetada nele. Aí, espancou ela, quando ela tava grávida dessa menina aí. Tem 9. Bateu, ficou machucada, escondeu a cara com o cabelo pra não deixar os outros vê. Ela escondia. Depois não tinha jeito, os meus vizinhos viam e falavam. Um dia ele deu uma pedrada nela. Ele deu uma pedrada nela, ela plantando fumo, ela caiu no meio da roça, bafou com tudo, colocou na cama e deu banho de água. Mesmo assim, depois que deu queixa, ela voltou de novo.

Na narrativa de Carolina sobre o feminicídio percebe-se a sucessão das etapas, detalhes registrados na memória, como narra a seguir:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Quando agora, olha o que ele fez com ela! Tá escondido dizendo que não foi. Mas em toda terra! [...], eu deitada aí, na cama de Deus, no meu cantinho, uma 7h da noite jogou uma pedra em cima dessa casa aí, mas, no tombo que a gente tá deitada pensa que é em cima da gente. Aí aqui foi pôo! Aí aqui fiz assim, Ave Maria, levantei, jogou pra matar a gente dentro de casa, mas não caiu por que Deus é bom. já aquetou, fui deitar, mas já eu tava com sono, depois detei uns 40 minutos, não levou 40 não, era 7 e lasca fogo. Eu só vi aquilo fazer assim: papôo! Aqui na frente, na frente, aí saí de dentro nas carreiras e pra lá, porque eles três estava dentro de casa. Aí perguntei, mas já estava do lado de fora, eu disse assim: vocês viram alguma coisa aí? Um disse não, outro não. Tá fazendo o quê? ah, conversando mais Ti. Eu vortei de novo e cheguei aqui, aí, quando vi, vem um menino, um rapazinho vem correndo, bafou ela pelo meio assim, segurou (a neta, eu por trás da porta, no que ela abriu a boca, ele, debaixo do pé de manga, ela ficou em pé, eu ouvi falar assim: é tua mãe encenou a fala do rapazinho falando baixinho ao ouvido da neta), no ar da boca dele e na minha, aí eu dei aquele grito, que só Deus sabe, então dessa hora que sentei saí daí umas 7h da noite de outro dia.

Britto da Motta (2010) considera a emergência nas pesquisas sobre a pessoa idosa datada entre os anos 1980 e 1990, entretanto a categoria longevidade, entendida como

“problema social” (p. 223). E, analisando aspecto da vida social dessa população, a crítica da autora recai sobre a timidez nas discussões de fenômeno, tanto na vida cotidiana quanto na implantação de políticas públicas e meio acadêmico. E, quanto à desimportância social acerca da violência contra a mulher velha, ressalta: [...] a violência contra as mulheres não se restringe à vitimização daquelas em idade mais jovem, [...]. Ao contrário, essa violência continua e ganha novas formas velhice adentro.

Mais adiante a autora, baseada em pesquisas, salienta serem pessoas mais jovens as responsáveis por atos brutais contra mulheres idosas, no geral, membros da família e, no caso de Dandara, o genro. Outro aspecto contido nas evocações da entrevista diz respeito ao cuidado familiar com a prole da filha falecida. O que acarreta, segundo informações de um dos genros, conflitos geracionais. Sobre a realidade de Carolina, Britto da Motta (2011, p. 18) aponta: “Em realidade, as idosas são arrimos de família também como cuidadoras de casa e de netos [...]”.

Dandara, 64 anos, aposentada. Reside sozinha, entretanto é vizinha dos filhos. Apesar de não experienciar a violência de gênero na velhice, o legado da relação patriarcal de gênero é presente. Conheci-a em seu aniversário, junho de 2016, e conversei sobre



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

minha pesquisa e, espontaneamente, ela falou: “Ói eu aqui!”. Contudo nossa conversa só se materializou em janeiro de 2017. Esse delongio a fez enfatizar:

“[...] ficou mais ainda de você vim fazer essa entrevista, que é tempo que você me prometeu que vinha aqui pra gente fazer essa entrevista, não foi? ”

A ‘cobrança’ de minha visita pode exprimir, quiçá, a necessidade de rememorar sua história de vida, principalmente a questão da violência.⁸ Ao ouvir as narrativas, todavia, sem seguir etapas cronológicas, suas predileções na fala sobre violência de gênero revelam ser o sujeito mnêmico, este: “[...] evoca, dá a voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências [...]” (BOSI, 2003, p. 44). As lembranças da infância e adolescência, narradas pela entrevistada, contrariam a fala de Carolina, a esta negado o direito de ser ‘criança’. Contudo expressões de intensa felicidade em família se traduzem na voz de Dandara:

Foi maravilha, não tenho o que reclamar. Meus pais eram muitos importantes para os filhos, criou nós com muito amor e carinho, nós tudo saímos na companhia dele. Depois de cada um casado, casou todos eles. Minha vida de infância graças a Deus não sofreu aquela coisa assim de revolta dentro de casa com

meus pais, com meus irmãos, até hoje somos todos unidos.

No tocante aos estudos, a vida escolar de Dandara também foi interrompida como a de Carolina. Narra a motivação da ruptura com seus estudos:

Meu estudo foi bem, eu que não aprendi muito por causa do interesse que foi pouco (riso). Logo cedo eu inventei de sair da escola, meu pai queria que eu estudasse mais. Mas eu sentia vergonha, que quando eu ia pra escola o pessoal ficava fazendo arredia de mim. Dizia: o que seu José tá fazendo, o que, está com essa filha moça na escola estudando! Bota na roça pra trabalhar. E aí eu me sentia revoltada e dizia para o meu pai que não queria estudar mais não, que o pessoal tava muito dizendo que eu tava muito grande na escola. [...] Meu pai fazia vontade à gente, estudava até enquanto queria. Eu, que logo saí, estudei, fiz até a 3ª série, aí também não estudei mais. [...]. Eu ia desenvolvendo bem nos meus estudos, minha professora gostava muito [...].

De sua vida laboral, apesar de não se identificar na fala de Dandara a idade em que iniciou trabalho na roça, ela evoca a preocupação do pai na divisão sexual do trabalho e proteção à figura feminina, como evoca:

foram socializadas neste artigo, principalmente pelo limite de páginas.

⁹ Nome fictício.

⁸ Extensas narrativas alusivas à situação de violência vivenciadas pela entrevistada, minúcias evocadas não



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Nós trabalhava na roça, já de manhã ele chegava na porta do quarto, não era aquele pai de abrir a porta do quarto pra invadir, pra vê os filhos lá. De cá ele batia na porta: acorda, acorda o sol já vem brilhando, aí, ó, vumbora pra roça antes do sol esquentar. Todo mundo obedecia, pegava enxada e ia pra roça, quando era 10h, 10:30h a gente tava dentro de casa, não tomava muito sol. Já deixava um lance de mandioca, de fumo ou de feijão capinado, que era muita gente. Todo mundo capinava; era. Tinha, sim, a escolha de cavação de cova. A cavação de cova ele botava para os filhos homem e as mulher iam plantando. Porque se fosse pra cavar cova pra plantar manaíba os filhos homem ia mais ele cavando e nós mulher ia plantando a semente. Agora, na capina era todo mundo junto.

Divisor de águas entre infância e idade adulta de Dandara, que, com entusiasmo, narra ‘bons tempos’:

Nessa fase aí a vida era normal, hoje eu tenho até saudade daquele tempo, se eu pudesse voltava de novo (riso). Era muito mais gostoso do que hoje (riso). Eu convivia dentro de casa com meus pais, meus irmãos, com minha família, o tempo era melhor, era mais tranquilo. Tinha muita festa, nós íamos, amanhecia o dia contando roda, não tinha violência. Às noites meu pai sentava com a gente no varandado, botava esteira no chão na noite de lua e ia contar estória, quando a gente ia

dormir era 11h da noite, aquele candeeirinho de querosene (riso). E hoje tá tudo moderno. Hoje já não existe mais aquela oportunidade, liberdade que nós tinha naquela época dos meus 20 anos, por aí.

A dinâmica na divisão do tempo durante as narrativas evidencia etapas antagônicas na sua história de vida. Enquanto, na infância, expressões corporais, como sorrisos, traduziam contentamentos, alegrias; não obstante, rememorar a conjugalidade ressignificou sua sujeição à relação patriarcal (PATEMAN, 1993; SAFFIOTI, 2004) de gênero vivida após o casamento. Encenações, gestos corporais (abaixar a cabeça), voz ‘abafada’, olhar distante, tomaram conta daquele momento e representaram opressões materializadas pela violência a que Dandara foi submetida. Contudo seu ‘contrato sexual’ (PATEMAN, 1993) a fez experienciar o direito patriarcal masculino, como diz Pateman (1993, p. 16): “[...] o direito patriarcal dos homens é criado pelo contrato”. Dandara recorda o início do namoro, em seguida os maus-tratos e, nos arremates, o sentimento de ‘liberdade’ com a ‘viuvez’:

[...]. Sou viúva [...]. Mas sou separada há muitos anos, agora vai fazer 2 anos que o marido faleceu. Quando ele faleceu já tinha uns 16 anos que nós estava separados, 16 a 17 anos. De corpos, de cartório não e continua casada. Porque nós era separados e ele foi embora pra São Paulo, aí



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

viveu muitos anos com outra família, depois de certo tempo adoeceu com problemas de AVC.

A minha situação mais difícil financeira que passei foi depois do meu casamento, que eu tive convivência, e logo, logo nós separou. Nós passou juntos 17 anos, logo aí se separou. O restante eu convivi sozinha aqui com meus filhos. Acabei de criar meus filhos, casaram tudo no meu poder e o pai pelo mundo não tomou mais conhecimento nisso.

Carolina e Dandara, mulheres e suas

histórias de vida cruzadas e descruzadas. Momentos se cruzam, como o evento da viuvez, posterior à separação, o que as levou a assumir a provisão familiar. Outras falas descruzam, ao rememorarem a infância e, principalmente, o fenômeno da violência na velhice. Como é perceptível, Dandara foi codependente da compulsão do macho (SAFFIOTI, 2004); experienciou, enquanto vinculada ao “contrato sexual”, muito embora tenha expressado o sentimento de liberdade, como evoca.

Não, pra mim hoje em dia eu relato aquilo assim, que foi coisa do passado. Tô falando porque foi acontecido tô falando, mas, pra mim, já morreu, já acabou, assim como ele já se foi, já morreu, esse problema que aconteceu na minha vida entre eu e ele morreu também. [...]. Porque mesmo ele vivo ainda tinha (a gente vive assombrada, assustada, não tem paz na vida, não tem alegria. Então a mulher que passa por isso

ela tem uma vida de terror) algum medo de algum dia ele aparecer, com aquela expressão de me assustar (risos), ainda sentia aquela emoção. Mas depois que ele morreu me tranquilizou. Eu sei que morreu, acabou. No passado, enquanto eu convivia com ele, nesse período foi violência, depois que nós se separou. Eu vivo a vida, sei lá, mil maravilhas, hoje eu tenho paz na minha vida. No momento difícil que eu passei, só foi nesse período aí, a respeito disso, graças a Deus tenho alegria com a minha vida.

Ao contrário, Carolina, assim como ‘outras Carolinas’, quer seja morarem na roça, como bem dizem no título do artigo, Scott, Rodrigues e Saraiva (2010): “Onde mal se ouviu os gritos por socorro”; quer seja por possuírem parcelas ínfimas de poder que a figura masculina segue, invisíveis, longe das estatísticas, das políticas de proteção social à mulher em situação de violência (BRITO DA MOTTA, 2010; SCOTT; RODRIGUES; SARAIVA, 2010; SAFFIOTI, 2004).

À guisa da conclusão

Considerações sobre a velhice, aqui analisadas com brevidade, contribuíram para o entendimento acerca do processo de envelhecimento. Estudiosas da temática, Britto da Motta e Camarano, em suas pesquisas, têm alargado os horizontes sobre a categoria velhice. Mais ainda Britto da Motta sobre mulheres velhas, relevante para o trabalho proposto. Busquei analisar trajetórias de vida



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

de mulheres velhas em contextos rurais mencionados. Britto da Motta, citada em outra ocasião, é veemente ao afirmar a “desimportância social” a esse segmento, ainda mais quando se recorre a pesquisas sobre as histórias de mulheres velhas. Outra questão relevante criticada pela autora em suas diversas pesquisas refere-se à falta de interesse em discutir sobre o fenômeno da violência de gênero contra mulheres velhas, acrescente, espaço geográfico, em contextos rurais.

A pesquisa sinalizou determinados aspectos que evidenciam ‘esquecimento’ das pessoas idosas, suas histórias de vida recheadas de ensinamentos, como por exemplo Dandara, que foi parteira mesmo antes de se especializar. Também a resiliência de Carolina diante dos excessos durante seu casamento. A partir dos relatos dessas mulheres, percebi nas transcrições, ainda mais nas seleções e narrativas trabalhadas aqui, a necessidade de nos importamos, sim, com a vida de mulheres velhas, sobretudo, camponesas; quão valorativas suas falas e contribuições nesta pesquisa, inexoravelmente no acervo bibliográfico. Categorias como ser mulher, raça, além das analisadas neste artigo, compõem narrativas de 04 mulheres velhas que entrevistei, entretanto frustrei-me por não poder estender minha escrita e compartilhar saberes contidos nas falas das outras duas. As lembranças das idades, meses e anos de

nascimento de filhos e filhas, inclusive nomes das parteiras, principalmente Carolina, que, embora experienciando o processo do luto, discorreu sobre a cronologia dos nascimentos de seus filhos e filhas. Visibilizar a história das mulheres velhas camponesas, dar voz às ‘silenciadas’, ao longo da historiografia, é oportunizar a Dandara e Carolina rememorem, com suas narrativas, lembranças no tempo presente, redesenham caminhos percorridos e deram-lhes contornos diferenciados a partir de sua velhice.

Referências

ALMEIDA, Alessandra Vieira, *et al.* A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun, 2015.

BAHIA: Número de idosos cresce para 11,9%. População abaixo dos 15 diminui. Disponível em:

<<http://municipiosbairanos.com.br/noticia01.asp?tp=1&nID=6055>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BANDEIRA, Lourdes. Violência de gênero: a construção

de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 29 Número 2, Maio/Agosto 2014.

BAUER, Martins W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XXI**. Rio de Janeiro: IPEA, ago. 2004 (Texto para Discussão, 1.034).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da memória. Ensaios de Psicologia Social.** - São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003.

_____. Reinventando fases: a família do idoso. **Caderno CRH**, Salvador, n.29, p. 69-87, Jul/Dez, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Raça e gênero. *In:* BRUSCHINI, C. & UNBEHAUM, S. (Orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Editora 34, São Paulo, 2002, p. 167-194.

DEBERT, G. Guita. Problemas relativos à utilização de história de vida e história oral. *In:* CARDOSO, Ruth (Org.). **Aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 141-156

GOLDENBERG, Mirian. O método biográfico em ciências sociais. *In:* _____. **A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 36- 43.

LANGEVIN, Annette. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, 1998. Disponível em:

<<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=225>>. Acesso em: jun. 2016.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. *In:* CHAMPAGNE, Patrick; LENOIR, Remi; MERLLIÉ, Dominique. **Iniciação à prática sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOTTA, Alda Britto da. As velhas também. **Revista ex aequo**, Porto - PT, n. 23, 2011, p.13-21.

_____. Vivendo a longevidade: centenários em Salvador, Bahia. *In:* SANTOS, Sueli Souza dos; CARLOS, Sergio Antônio (Orgs.). **Envelhecendo com apetite pela vida: interlocuções psicossociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a, p. 53-81.

_____. Visão antropológica do envelhecimento. *In:* PY, Lígia; FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e**

gerontologia. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2006, p. 78-82.

]_____. **Violências específicas aos idosos: sinais sociais** | Rio de Janeiro | v.8 n. 22 | p.1-152 | maio-ago. 2013b

_____. **Sociabilidades possíveis: sociabilidades de gênero e gerações.** *In:* PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Aproximações teóricas em análises de relações de gênero e entre gerações: o caso das violências contra a mulher idosa. *In:* BURITY; RODRIGUES, Cibele Maria; SECUNDINO, Marcondes. (Orgs.). **Desigualdades e justiça social: diferenças culturais e políticas de identidade - Vol. 2** Belo Horizonte, Argvmentvm Editoras, 2010, p. 85-102.

_____. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Soc. Estado**. vol. 25 n°. 2 Brasília May/Aug. 2010, p. 1-26.

_____. Mulheres velhas: elas começam a aparecer. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84-103.

NICODEMO, D.; GODOI, M. P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de caso sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Ciênc. Ex.** v.6, n.1, p.51, 2010.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo – 2004, (Coleção Brasil Urgente).

SCOTT, P. & RODRIGUES, A. C. & SARAIVA J. das C. (2010). “Onde mal se ouve os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais”. *In:* _____. CORDEIRO, R. & MENEZES, M. (Orgs.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, pp. 63- 93.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto. “Observando o Familiar”. *In:* **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981, cap. 9,